

MULHERES, NEGRAS E GESTORAS: PORQUE SIM!

Letícia Godinho e Renata Souza-Seidl
Organizadoras

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2021



sendo homem. Tirei dele o recorte racial, porque ele vai falar da mulher com a masculinidade que o atravessa. E é onde Fanon, que foi um excelente escritor e estudioso das relações étnico raciais, que nos ensina muito sobre essas questões raciais, escorrega. Vale a pena essa leitura!

Meu grande desejo era que, de fato, a gente conseguisse romper com o silenciamento dessa discussão nas escolas e nos gabinetes, romper o racismo epistêmico, que esse referencial bibliográfico estivesse disponível a todos e a gente conseguisse fazer a leitura crítica de todos eles. Os sinais de apagamento da produção negra são evidentes. É raro que as bibliografias indiquem mulheres ou pessoas negras.

Que a gente conseguisse fazer uma leitura para além das escrituras, como diz Paulo Freire. Que as pessoas conseguissem perceber as nuances arquitetadas pelo racismo. Enquanto educadora, é tentar desconstruir a formação dessas pessoas. E é um processo mais difícil esse o do convencimento, porque precisamos ter elementos consubstanciais para tal.

Um legado que eu gostaria de deixar seria uma educação que respeitasse e compreendesse a diversidade de verdade. Ter mais pessoas negras e não negras, defendendo a luta antirracista, com argumentos científicos, para desvelar uma pedagogia das ausências e assim, introjetar isso tudo como um ato político emancipatório. E, por último, parafraseando um trecho do poema de Cristiane Sobral⁵, quero deixar provocações, reflexões para nossas jovens, com gritos latentes de “não mais lavar os seus pratos!”. Deve ser paradigmático o anseio por liberdade, por denunciar a opressão de classe, de raça e de gênero. Do mesmo modo que somos rechaçadas toda vez que assumimos papéis que para nós não foram pensados, desejo que essa naturalização seja varrida e que mais meninas e mulheres negras ocupem os lugares de poder.

No campo social e afetivo, desejo ter a minha família socialmente construída. E legitimada judicialmente. Temos uma certidão de casamento, uma certidão da nossa filha Ayala Vitória Pires Viana e do Aile Pires, com as duas mães, o meu nome e o nome da minha esposa, os avós maternos; foi muito significativo para os nossos filhos esse registro. Então, eu acho que verbalizar esse direito e publicizá-lo como fizemos – se tornou até filme, *Encontro das Águas*⁶ – foi e é fundamental.

⁵ Teatróloga e poetisa negra, foi a primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Estudou teatro no SESC do Rio de Janeiro, em 1989; montou a peça *Acorda Brasil*, em 1990. Atuou em diversos espetáculos teatrais e no cinema. É mestra em Artes (UnB), tendo publicado inúmeros artigos e livros. Foi crítica teatral da revista *Tablado* e é membro da Academia de Letras do Brasil - seção DF.

⁶ O documentário *Encontro das Águas* tem a direção do Mestre Negroativo, foi realizado por Flávia dos Santos e Zaira Pires, produzido por Divindade Cultural e teve o patrocínio da Avon.

8

MARIA DO CARMO FERREIRA DA SILVA

Maria do Carmo Ferreira da Silva
Leticia Godinho
Renata Souza-Seidl

1. Origens: uma família de retirantes

A minha origem é do norte de Minas Gerais, Montes Claros, conhecida, na década de 1950, como a princesinha do Norte de Minas Gerais; lá passei a minha primeira infância, até os 4 anos de idade. Meu pai é de Coração de Jesus, bem próximo a Montes Claros, e minha mãe de Pirapora, também no norte de Minas.

Uma parte de meus avós trabalhava em fazendas, em Pirapora, região de Montes Claros. Eu me lembro que a maioria dessas fazendas era dos Paculdinos, e que inclusive, um deles, era padrinho do meu irmão mais velho. Nós temos fotos de minha avó quando trabalhava ainda nessas fazendas, com lenços estilizados na cabeça. Eram aqueles lenços que amarrava no estilo africano, e ela bem negra, azulada, olhos verdes, aquele verde-escuro.

Segundo alguns dos nossos antepassados, o pessoal mais ligado à minha avó veio da África. Antigamente, as pessoas tinham o hábito de andar muito descalças. E me lembro dela também no pilão, também temos fotos. Com ela, aprendi a pilar arroz. Ainda do lado da minha vó – não sei se o bisavô ou o tataravô – o chamávamos de vovô Felipe. Ele veio de Portugal e, por isso, a gente tem o sobrenome Silva.

Do lado do meu pai, a matriz é indígena; minha bisavó foi apanhada no laço e, ali na região, todos eles eram tidos como *bugres*¹. Minhas primas e primos que moram em Montes Claros são negros, mulatos, com cabelo escorridinho. Em Pirapora muitos eram conhecidos ou chamados de “Roxinhos. Agora, na quinta geração, vieram alguns com a pele mais clara ou a pele mais escura, com o cabelo escorrido e, outras vezes, com os olhos mais claros. É a miscigenação, que era e sempre foi muito comum, principalmente nessa região da Bahia e norte de Minas.

A minha família se mudou para Belo Horizonte nos anos 1950, muito em decorrência, já naquela época, de você ir para cidade grande tentar a sorte, e sair do período de seca. Na época, eu tinha 4 anos de idade. Mas eu ainda tenho parentes tanto em Pirapora quanto em Montes Claros, e na região do entorno, próxima à região de Francisco Sá e Grão Mogol e também São Paulo, Brasília e Portugal. Procuramos manter uma boa relação familiar, apesar da distância física. Eu tenho tios ainda vivos do lado paterno. Do lado materno, não tenho mais nenhum tio ou tia vivos, somente primos. Pode ser que tenha, mas é aquela questão, às vezes o pessoal saía para tentar a vida noutros lugares. Como uma tia minha, irmã mais velha da minha mãe, que foi para Brasília e a gente nunca teve notícias dela. Essa minha tia, que é dada como desaparecida, tinha os olhos cor de folha seca e era chamada de tia Preta. Então, a minha família é um pouco disso aí: os antigos eram o



Maria no dia da sua primeira posse, com sua mãe, Lucy. Colégio Nazareth. Araçuaí, janeiro de 1997.

Crédito: Acervo Pessoal

pessoal mais da zona rural mesmo e alguns peões e retirantes; da parte mais jovem, hoje, alguns já cursaram universidade, como eu. E alguns primos e sobrinhos, como dentista, médico, geógrafo, professor, biólogo, matemático e historiador e relações humanas.

Meu pai trabalhou, um tempo grande, com exibição de filmes. Ele era operador cinematográfico, então ele andou muito nessas regiões de Minas Gerais, principalmente norte e nordeste de Minas. Tanto é que eu aprendi com ele a fazer reparo nas películas; antigamente, os filmes, para serem exibidos, tinham que ter duas, três máquinas, pois na hora que uma cortava a fita, a gente tinha que dar sequência. Eu me lembro que essa operação era feita com gilete e o durex. Naquela época, não era mais o cinema mudo, já tinha fala, já tinha gravação. Aprendi isso com ele, e aí, vim a tomar gosto por obras cinematográficas. A gente começou também a curtir um pouco de cinema junto com meu pai. Morando em Belo Horizonte, às vezes, quando minha mãe tinha que fazer alguma coisa, ele nos levava para o trabalho. Minha mãe sempre foi do lar, já lavou muita roupa para fora, fazia comidas de encomendas, e sempre nos levava também.

Nós, na época, éramos três irmãos nascidos em Montes Claros e outras duas irmãs nascidas em Belo Horizonte. Aí, em Belo Horizonte, a gente começou a estudar. Foi onde eu fiz o primário.

A capital Belo Horizonte, palco da infância e dos primeiros anos de estudos

Quando a gente veio de Montes Claros para Belo Horizonte, meu pai trabalhava em uma companhia de cinema. Como ele era considerado comerciário, eu fiz o Jardim de infância no Sesc². Então a gente tinha um Jardim de infância, que era até ali na Rua Padre Rolim, próximo à Avenida Brasil. Depois, eu e meu irmão mais velho fizemos o primário no grupo escolar Dom Pedro II, em frente à Faculdade de Ciências Médicas. Ainda me lembro o nome da nossa professora de religião da época, a Dona Esperança.

Nesse período, a gente precisava ajudar na família, cada um tinha que fazer alguma coisa. Eu ajudava a tomar conta de um bebê, filho da minha primeira professora do primário que era vizinho nosso, e a família era de Raul Soares. Então, eu ajudei a tomar conta do filho da minha professora do primário. Eu já estava na faixa de sete para oito anos; o jardim de infância, eu me lembro, foi com 5, 6 anos.

Fiz catecismo na Igreja Santa Efigênia, próxima ali do quartel do BG³. Onde hoje é aquela área hospitalar, ali tinha uma grande praça, a praça 13 de Maio, onde a gente ia todos os dias para

¹ Bugre é uma denominação depreciativa dada a indígenas, por serem considerados não cristãos, não civilizados pelos colonizadores europeus.

² Serviço Social do Comércio.

³ Batalhão de Guerra, unidade do exército brasileiro.

brincar. Quando não era lá, era na praça do BG, onde inclusive tinha uns balancinhos para a gente brincar e também no Parque Municipal. A primeira comunhão foi na igreja da Boa Viagem. A minha infância, até os anos 1960, 1965, eu passei aí nessa região.

Quando a gente saiu de Montes Claros para ir para BH, nós moramos por um tempo no bairro São Lucas, também, na região da Santa Casa, com a madrinha do meu irmão. Ela era farmacêutica e funcionária pública e nos acolheu por muito tempo em Belo Horizonte. Aí a gente se mudou para um barracão que era nosso. Em época de chuva, todo mundo tinha que se juntar numa cama só, para poder fugir das goteiras. Mas no tempo de calor era bom, porque você ficava olhando a lua e as estrelas. A partir de 1965, a gente conseguiu comprar a casa onde a família mora até hoje, que é ali entre o Glória e o Alípio de Melo, no bairro São Salvador. Ela foi reformada, já, várias vezes.

Mesmo em Belo Horizonte, a gente teve que ir buscar água em mina. Onde hoje é o Alípio de Melo, na época era uma grande fazenda, onde a gente pegava lenha. Eu me lembro que eu sabia fazer o feixe de lenha, mas na hora de amarrar, não tinha força. Ali onde é o shopping Contagem, era tudo fazenda de gado, Contagem das Abóboras. Na região existiam muitas famílias congadeiras⁴ e folias de reis⁵.

A mina onde a gente buscava água para beber e lavar a roupa era na região da Ressaca, ficava a quase 10 km de onde a gente morava. E era uma festa nesse período, a vizinhança toda se juntava, tinha dia certo para as mulheres irem lavar roupa. Aí você fazia a *rodia*⁶. Com as bacias na cabeça, ia com a trouxa de roupa; tinha que levar comida, água e fazia aquela festa. Eu falo festa, porque tudo para criança é motivo de festa! Na hora de comer era a melhor parte. Eu já comi muito de marmita, e acho que dividir marmita é a melhor coisa que tem, porque um come um pouco da comida do outro. Quando a gente era pequena, tinha as gamelas, da nossa herança de matriz africana e indígena; nas gamelas punha-se a comida e as avós faziam *capitão*⁷. Tinha gente que dizia assim: ai, que nojo! Mas as avós faziam capitão para dar para gente e quando a gente já sabia comer sozinho, tinha as colheres; as mães davam a colher para cada um e dividia a comida na gamela.

4 Congadeiras são as pessoas que dançam e organizam a manifestação cultural do Congado. É uma mistura das festas trazidas pelos africanos escravizados com a religiosidade cristã colonial. Suas origens remontam a um rito africano, no qual os súditos faziam um Cortejo aos Reis Congos, a fim de agradecer os seus governantes.

5 A folia de Reis ou Reisada é uma manifestação festiva, católica, comemorativa da festa religiosa da Epifania do Senhor, que celebra a Adoração dos Reis Magos ao nascimento de Jesus. Nesse festejo, os participantes visitam as casas de porta em porta com sua cantoria, lembrando a viagem dos Reis Magos ao menino Jesus. Tem origem histórica egípcia, e foi adotada na Europa pelos romanos.

6 Apoio feito de tecido ou cipó do mato para a cabeça, escorando feixe de lenha ou bacia com roupas.

7 Forma de amassar a comida com as mãos dando formato de um pequeno bolo, que era dado para as crianças comerem.

No mesmo bairro, nossa “igreja” era debaixo de uma árvore, era nossa capelinha de Santo Antônio, onde a gente fazia de tudo ali: bingo, concurso para poder arranjar dinheiro para construir a igreja e tal. E era um bairro onde todo mundo se conhecia, pelo menos as famílias mais antigas. Quando chegava semana santa e natal, até as comidas eram trocadas, divididas. O que um fazia de diferente, sempre levava para o outro, e até as compras eram coletivas. Quando o Ceasa⁸ foi criado, a gente pegava aquele ônibus da Ressaca; ficava olhando a hora que o ônibus ia passar lá em cima na BR, de onde a gente morava, e falava: “Lá vem o ônibus!”. Aí corria todo mundo com sacos, carrinho, tipo carrinho de pedreiro, que a gente levava – porque, como era tudo muito longe, muito difícil, você fazia a compra para o mês. E aí você juntava, para ficar mais barato para todo mundo. Por exemplo, comprávamos um saco de laranja, depois a gente chegava e fazia as divisões, cada um pagava aquilo que realmente iria consumir. Então, tinha muita coisa boa, mas também muito sofrimento, como a questão da água, que não tinha, nem esgoto. Porque, às vezes, dizem assim: “Moro na capital”. Mas a gente na capital sofre muito. A gente vê isso, inclusive nos noticiários. Ainda tem muita gente que sofre com a questão da falta d’água, da falta de esgoto, de saneamento, apesar de todos os avanços.

A nossa família hoje, em Belo Horizonte, já não temos mais nosso pai e nossa mãe. Somos três irmãos, apenas, meu irmão mais novo, a minha irmã caçula, que também já está com 60 anos, que é a “capitalense”⁹ da família, e eu; e mais duas sobrinhas. A minha irmã e o meu irmão mais velho se casaram, e cada um deles tem uma filha só. Solteiros temos eu e o meu irmão do meio. E a casa é a mesma desde os anos 1960. A caçula da família Deus levou prematuramente com 3 dias de vida. Minha mãe vivia lavando roupa pelas casas e pegava muita friagem na época da gravidez.

A vida escolar e o racismo: sonhos de infância que foram sofrendo retaliações

Eu terminei o primeiro grau no grupo escolar São Salvador, no bairro Glória, onde meu irmão mais novo também estudou. A minha irmã caçula já estudou no Colégio Polivalente. Naquela época, a gente fazia o exame de admissão; os pobres tinham que passar por esse processo e você tinha que estudar muito, porque senão não conseguia as bolsas de estudos. Então desde aquela época, você tinha que provar que era bom. E, às vezes, a gente não tinha o dinheiro para poder fazer as provas; às vezes, tinha professores que, quando você se destacava um pouco, te ajudavam nesse sentido. Eu me lembro do meu irmão caçula querer fazer a prova e chorar, porque não tinha como a gente pagar. Eu fiz, depois até do científico, com a ajuda de uma professora, que a gente chamava de Gugu, Maria de Lourdes, que morava em frente. Uma professora negra, que era pianista já naquela época,

8 Ceasa - Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S.A.

9 Nascida em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

nos anos 1960. Foi graças a ela que eu consegui fazer o meu exame de admissão, e aí fui seguindo. É sempre uma história assim, de um ajudar o outro, alguém vê uma forma de te ajudar. E me lembro que, ao passar para o científico, quando fiz o curso técnico de práticas comerciais, eu ia muito nas rádios para poder pedir livros, na rádio Inconfidência e na Itatiaia. Nossa, era caro o livro de física da Beatriz Alvarenga! Tinha aqueles livros que você não dava conta nunca de comprar; então ia lá para o Sebo, no Amadeu, ali na rua Tamoiós, ou na Galeria do Ouvidor, para poder comprar. E a gente sempre fazia trabalho em grupo, juntava os que menos podiam e comprava os livros. Cada um dava um pouquinho. Quando chegava o final do ano, a gente sorteava o livro, para quem saísse, saiu. Mas era uma forma da gente se auto ajudar para estudar. Eu nunca fui de ficar muito quieta, sempre batalhei, como tantos colegas da minha época, a gente corria muito atrás, era literalmente correr atrás do prejuízo. Se você quisesse vencer, tinha que ter alguém que fosse com sua cara ou alguém que descobrisse que você tinha talento, vamos assim dizer. Aquela questão mesmo da empatia. E a gente precisou de muita ajuda para poder estudar. Tanto é que apenas eu, entre os irmãos, consegui fazer o curso superior.

A minha experiência de racismo nesses espaços não é muito diferente. A gente sofria *bullying* já lá naquela época. Onde tem o ser humano, estão as relações, as confusões, e qual é o menino de escola que fica quieto quando vê que o outro é diferente? É também muito daquilo que eles vivem em casa. Muitas vezes, chegava em casa chorando, mas você tinha que aprender, e os pais eram educadores no sentido literal da palavra. A gente era educado naquela época a não levar nada para casa que não fosse seu, a não levar desaforo. Então a gente também ajudava a fazer *bullying* com os outros. Chamavam a gente de “perna de saracura”, porque as pernas eram muito fininhas; ou “grilo”, “bonequinha preta”, “sai pra lá, mosquito!”, “cabelo de pixaim”, e por aí afora. Aí, às vezes, na hora da comida, quando tinha as sopas e vinham brancas, a gente falava que era “macarrão da Santa Casa”. Era famosa, para quem lanchava na escola, que era pobre – quem tinha mais condição não precisava do lanche da escola, levavam os próprios lanches. Aí, quando tinha algum colega branco, o pessoal ficava dizendo: “olha o ‘macarrão da Santa Casa’”.

Para nós era um orgulho muito grande quando comia o pão com carne moída, pão com “mortandela”, tomava *Crush*¹⁰. Era *chique*, eram coisas que você nem tinha todo dia em casa, só quando era aniversário. Essas coisas de criança que a gente tem uma boa lembrança. Nesse sentido, era assim também inclusive na questão do racismo, porque era uma coisa muito pura, coisa de criança; mas quando você vai crescendo, vai vendo que não é bem assim, aí é diferente.

É depois que você percebe que a forma de tratamento tem um significado, por exemplo, eu era doída para fazer balé e tocar piano. Aí eu recebi toda justificativa para desistir: porque eu

10 Marca de refrigerante.

era muito pequena, ou porque as mãos eram pequenas, que não dava para eu tocar piano, que piano era caro, e que balé era só para os filhos de quem podia. Eram coisas assim, que você fala: são sonhos de infância e que depois, ao longo da vida, você vai vendo o significado desses sonhos ou dessas ações; que você foi tendo retaliações ao longo da vida. Quando são coisas ditas por crianças são “coisas de criança”, é tranquilo. A questão é quando vem dos mais velhos para com os menores, sem a menor preocupação, para de te deixar no seu lugar, te falar: “olha, esse aqui não é o seu lugar”. É aí que você tem amigos de infância que são amigos ricos e brancos, e que tem os amiguinhos pobres e negros. E aí você vai buscando conquistar ou vai provar que você pode estar naquele lugar sim.

2. Trajetória universitária: dois cursos superiores, o trabalho paralelo e outras experiências

Através do emprego do meu pai, que foi também muitos anos jornalista do Diário de Minas, eu consegui bolsa de estudo para fazer o científico integrado. Eu fui fazer um curso no colégio Vila Rica, no bairro Sion, onde já tinha curso preparatório para o vestibular, que era o Promove. Logo em seguida, eu passei no vestibular, fiz um ano de matemática na Fafi-BH¹¹ e depois fui para a PUC Minas¹², antigamente, a Universidade Católica de Minas Gerais.

Por sinal, eu fiz 2 cursos superiores. Já aqui no Vale do Jequitinhonha, eu fiz Direito em Teófilo Otoni. Era aquela saga de sair daqui de Araçuaí no final de semana para Teófilo Otoni no meio da semana, e voltar no sábado. Eu fiz Direito, muito por necessidade, já nos anos 1970, de entender todo aquele processo de “desconstrução de cidadania”, do nosso povo. Foi quando começou a efervescência das Comunidades Eclesiais de Base e de se lutar pelos direitos, da garantia dos direitos das pessoas, principalmente os mais excluídos, e principalmente da zona rural. Então, a gente tinha a necessidade de conhecer um pouco mais. Então Direito, na época com esse intuito, de conhecer um pouco mais a realidade, de saber lidar com as leis e discutir um pouco com mais profundidade a questão dos problemas que a gente vivia. Eu amo a profissão que escolhi, que é Serviço Social. Por mais conflitante e por mais que seja uma profissão em que você não fica “rica”, mas você se realiza enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto cidadã.

Como eu pagava a faculdade naquela época? Era tudo pago. A gente tinha alguns serviços, que a PUC sempre teve, para atender o aluno mais necessitado. Mas o meu rendimento era tão baixo, tão baixo, que nem se encaixava nos critérios para receber os apoios. Então tinha que estudar como?

11 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi-BH).

12 Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas ou PUC-MG).

Tomando empréstimo no banco. Os nossos colegas também me ajudaram muito, vários deles me avalizavam para poder pegar empréstimo no banco, porque já conheciam a nossa história.

O que eu aprendi na Fafi-BH serviu de base pra PUC. A gente também encontrou lá pessoas que nos ajudavam. Até, assim, ajudavam levando roupa: eu já usei muita roupa dos outros, sem nenhuma vergonha. A roupa que eu tinha era a que ganhava para poder ir para faculdade. Às vezes, dividia o lanche. Então, me descobriram indo a pé, e falaram: “não, nós vamos ajudar você a ir de ônibus”. Eu me transferindo para a PUC; já tinha passado, também, num processo seletivo do Estado, e essas pessoas me ajudaram. Eu fiz a faculdade de Serviço Social e, na época, era a única negra da turma.

3. Trajetória profissional e caminhada na militância política

Antes de eu ir para a faculdade, por necessidade, eu estava decidida a ir para o corte de cana em São Paulo, onde a gente tem vários conhecidos. Naquele negócio de “vai ou não vai”, eu acabei fazendo um processo seletivo no Estado, na antiga Secretaria de Estado do Trabalho, Ação Social e Desportos. Tudo funcionava ali na praça da Liberdade. Uma tia minha trabalhava lá, ela falou: “Vai ter vaga lá, você podia fazer. Não vai para São Paulo, não”. E acabou que passei. A prova incluía datilografia, aí eu fiz datilografia pela UMES – BH, a União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Belo Horizonte, que tinha uma escolinha de datilografia que funcionava ali no Edifício Maletta¹³. Quando eu fui fazer a seleção nos anos 1970, eu passei em primeiro lugar. Depois, eu trabalhei no curso de supletivo Champagnat, na rua Curitiba. Aí eu me tornei uma das datilógrafas da Secretaria Estadual. Graças a essa entrada na Secretaria, pela minha seleção, já fui trabalhar inicialmente no gabinete do Secretário, ajudando a Chefe de Gabinete. E quando tinha os trabalhos sigilosos, vinha sempre para a gente fazê-los. E, algumas vezes, a gente trabalhava tanto, que passava a noite trabalhando e eu já ia direto para a faculdade de manhã. Quando a secretária precisava de alguém para ajudar, e não tinha auxiliar, eu me oferecia para ficar lá e ia aprendendo o serviço. Eu me lembro que depois fui trabalhar como coordenadora de Centros Sociais e Urbanos, dentro da diretoria da Assistência Social, mexendo exatamente com essas questões das pessoas inseridas das comunidades. Então, minha convivência com o social é desde o início dos anos 1970.

Na época de fazer estágio, foi um problema: como é que você ia trabalhar 8 horas por dia e ainda tinha que fazer estágio? O estágio nem sempre era remunerado, então a gente optava por fazer estágio aos sábados, mas os que tinham no sábado, geralmente eram nos hospitais, sob a forma de plantão. Então é uma área em que eu também tenho muita identidade, a área da saúde.

¹³ O Conjunto Arcângelo Maletta é um edifício histórico localizado no centro de Belo Horizonte, construído sobre o Grande Hotel, no ano de 1957.

Foi aí que caiu como uma luva para nós que trabalhávamos e estudávamos o projeto Rondon¹⁴, porque a gente tirava um mês de férias no trabalho e ia fazer o estágio. Era a forma que a gente tinha de garantir o emprego e o cumprimento das horas de estágio obrigatório. Então, como nada é por acaso, eu vim parar aqui no Vale do Jequitinhonha, fazendo projeto Rondon.

Foi aí que eu recebi logo a proposta da Cáritas Diocesana¹⁵ para trabalhar aqui no Vale do Jequitinhonha. Então, mais uma vez, nessa vinda pra cá, esses mesmos colegas de trabalho da Coordenadoria de Serviços Sociais Urbanos, me ajudaram a fazer o enxoval para eu vir. Até hoje tenho coisas desse enxoval. Com isso, quero falar das coisas acontecem na vida da gente: você não é sozinho, ou o “eu sozinho”, ele pode, mas ele pode muito pouco. Agora, coletivamente falando, a gente pode muito mais.

A gente sempre trabalhou com aquela convicção de que você não “trabalhava para”, você “trabalhava com e pelas pessoas”, em determinadas situações. A gente levava muito a sério a questão das teorias; então tinha um tal de *Gramsci* que mexia com a cabeça da gente, e que era importante a questão do “intelectual orgânico”. Então, eu comecei a trabalhar com a questão das associações comunitárias rurais, com as associações de bairro. Como eu trabalhava ligada à igreja, com a Cáritas, a gente trabalhava muito também a questão da juventude, mulheres e crianças, clubes de mães e creches. Na época, a igreja tinha feito a opção preferencial pelos pobres, então tinha toda a questão das comunidades rurais, é quando começa a surgir a CPT, a Comissão Pastoral da Terra, a Comissão da Juventude, a Pastoral da Criança. E aí, a gente dava apoio também aos movimentos sindicais. Então, diga-se de passagem, a igreja teve um papel muito significativo na vida do nosso povo, no Brasil como um todo, mas em especial nessa região. E, principalmente, quando começam as primeiras organizações para formar os sindicatos, é também pela ação da igreja. Então, a gente assessorava sindicato, e de certa forma, nos anos 1970, 1980, começa a surgir o PT. A gente ajudou nessa construção, como todo bom intelectual orgânico, que via a necessidade e a importância da transformação das pessoas, e que via a situação que o povo vivia naquela época. Mas a gente fazia isso mais pela causa, não só pelo entusiasmo, mas pela vontade e necessidade da população que era de extrema pobreza e injustiças sociais (muitas famílias agregadas que quando

¹⁴ Projeto de extensão do Ministério da Defesa, para instituições de ensino superior. Os extensionistas desenvolvem ações para a produção de benefícios para as comunidades, sobretudo relacionadas à melhoria do bem-estar social e a capacitação da gestão pública. Tem como objetivo também consolidar no estudante universitário brasileiro o sentido de responsabilidade social, coletiva, em prol da cidadania, do desenvolvimento e da defesa dos interesses nacionais, e proporcionar-lhe conhecimento sobre a realidade brasileira.

¹⁵ A Cáritas Brasileira foi fundada em 1956, a partir da ação de Dom Helder Caâara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Promove ações de solidariedade voltadas ao atendimento a comunidades afetadas por desastres socioambientais ou em situação de vulnerabilidade.

saíam de suas terras, saíam sem direito algum e doentes). Era um compromisso você ajudar, e sem aquela preocupação de ser protagonista.

Quando fazia estágio, você ficava 30 dias; depois podia se inscrever novamente, e eu continuei a vir aqui mais vezes. Porque logo em seguida, eu fiz a *cadeira*¹⁶ de Monitoramento do departamento do Serviço Social aqui. Então, eu vinha praticamente uma vez por mês aqui para acompanhar as nossas colegas, também estagiárias. Essa ligação foi ficando mais forte, e também por causa da igreja, que sempre teve um papel significativo na área social em todos os lugares, seja com a questão das primeiras creches, os primeiros hospitais e primeiras escolas de formação.

Então, com esses projetos, em que eu fiquei fazendo parte da Cáritas, foram 113 projetos realizados, a maioria deles voltados para a questão da agricultura, sobretudo sobre a questão da água na região. Já naquela época eu não me via morando aqui definitivamente e por isso até os anos 1990, eu nunca tive a preocupação de mudar o meu título. Sempre tinha um motivo voltar para casa, em Belo Horizonte, para ver os amigos, para ver os parentes. Você não larga da noite para o dia uma parte de você. Mas aí chega um momento em que você tem que deixar uma parte de você. E conversando com as pessoas, o pessoal vinha falando: “Você tem que se candidatar, a senhora tem que nos ajudar nisso”. Mas, até os anos 1980, eu ainda consegui fazer algumas recusas.

Nos anos 1980, a gente fez a nossa primeira construção, tivemos o nosso primeiro vereador pelo Partido dos Trabalhadores em Padre Paraíso, Zé Gomes. Depois, aqui em Araçuaí, o Manoel Pinheiro, da Comunidade das Tesouras, que deixou como legado a nossa tribuna popular, que existe até hoje na câmara. Depois, vem Itinga, que foi nossa primeira cidade a ter um prefeito pelo partido, meu colega de trabalho Solano de Barros, que trabalhou comigo aqui na escola.

4. Ascensão profissional e superação

A primeira disputa para a Prefeitura de Araçuaí (MG)

A partir de 1990 eu me lancei como candidata a prefeita aqui em Araçuaí. Uma história muito rica de significados. Nós não tínhamos fundo partidário como tem hoje, a gente vendia porco, ovos, tinha gente que dava duas ou três dúzias de ovos para poder fazer a caixinha. A gente tinha a participação de toda a militância. Quem eram os militantes? Eram os trabalhadores, trabalhadoras, a exemplo dos professores; tinha o povo da cultura, que já naquela época, nos apoiava com os movimentos culturais, shows, e os forrós nos comícios. Então a gente tinha o maior prazer nisso tudo, e cada um que ajudou, não pensava no que iria ganhar lá na frente, sempre pensava na melhoria para todos da comunidade.

16 Termo usado, na época, para se referir a uma disciplina do curso de graduação.

Então, chega esse momento em que você fica entre a cruz e a espada e você tem que ceder aos anseios do momento. No momento de selar a identidade com o povo do lugar, com o povo local, de trabalhar os compromissos, teve aquele discurso: “você não é desse lugar, você é de fora”. Aí a gente começa também a ter que recompor o pensamento, o jeito de ser, de fazer e de ver o mundo, e começa a se perceber não como cidadão de um lugar, mas do mundo. E é do lugar onde você está nesses momentos, aí percebe que você tem direito de escolher e de estar onde lhe aprouver. Você percebe que, por mais que não tenha o nascimento geográfico, tem a identidade que foi construída. E começa a querer entender o que é ser brasileiro. Ser brasileiro é isso. Então, quando vêm falar comigo que eu não sou daqui, falo: “Eu estou no Brasil, sou brasileira e o território brasileiro é imenso, e se é aqui nesse lugar que eu resolvo minha vida, que eu pago meus impostos, que é onde eu me relaciono enquanto cidadã de direito e de fato... Hoje eu tenho o título de cidadã honorária, que me foi concedido – mas precisaria dela para provar que eu tenho direito a ter direitos? Então, isso gera todo um filosofar e refazer de pensamentos, de conceitos e preconceitos. Então, ao invés colocarem em mim o sentimento de inércia, de não pertença, a gente trabalhou isso pelo lado positivo e chamou as pessoas para começar a ter outro olhar, outro pensamento, outra maneira de ver. São tantas as pessoas que agem como se não fossem do lugar, e que usa o lugar em benefício próprio...!

Em 1992, nós fizemos a disputa para a prefeitura, com 4 candidatos e não fomos eleitos. Porém, há quem diga, que nós tínhamos vencido as eleições, só que não havíamos levado, porque ainda imperava na época o coronelismo e os acordos, e a gente não tinha muita experiência de controle nas eleições. A gente tinha notícias de urnas que subiam e desciam por cordas no prédio do fórum, de título retido para as pessoas pegarem depois das eleições e de benefícios acordados, até na mesa se mudava voto, na hora mesmo da conferência. Nós convivemos na época com jagunços, coisas que nem se ouve mais; já teve tiroteio na cidade, forjado por pessoas para nos intimidar, sem contar questão de bombas que eram atiradas em nossos quintais.

A primeira prefeita, mulher e negra, na princesinha do Vale do Jequitinhonha: as faces do racismo e machismo na vida pública

Da segunda vez que disputamos Prefeitura, já tínhamos adquirido um pouco mais de experiência. Então foi forte o controle junto aos fiscais, e os partidos tinham representantes que se revezavam dia e noite, enquanto estivessem ali. No dia de contar os votos, o juiz fez a seguinte observação: “Qualquer tentativa de mudança na vontade do povo, eu mudo vocês, daqui, para cadeia”. O local estava lotado de pessoas querendo saber a resposta. Cada urna apurada, as pessoas entravam em euforia! Já perto do final, eu praticamente consagrada, o juiz me aconselhou a sair junto com a polícia, porque não tinha como conter o povo. Nesse período todo, a gente sofreu

muitas tentativas de agressões físicas, mas a agressão moral e psicológica foi pior e constante. A gente respondia com trabalho, que era coletivo, e buscando o máximo de transparência possível. A gente adotou o orçamento participativo, adotamos um método de prestação de contas “literal” - colocamos em praça pública, usamos a parede do Mercado para fazer isso. Também não adiantava colocar aquela prestação de contas burocrática para quem não sabia ler e escrever. Então, a gente tentou mostrar aquilo que é técnico na linguagem do povo.

Recebi dez processos da oposição, irresponsáveis, e que se arrastaram por um longo período. Por causa dos símbolos, da própria cultura política do Brasil, não se consegue negros na política, principalmente do sexo feminino, que vem do povão, de movimento de igreja e principalmente de partido de esquerda. A gente chegou a denunciar. Há processos de racismo que a gente deu entrada; mas, na época, a “percepção” das autoridades era de que não se configurava racismo. Aí era mais fácil colocar como calúnia, ou arquivar, deixar quieto. Mas teve até o incitamento de

Entrada para Sessão Solene com a Banda Marista de Araçuaí. Maria do Carmo ao centro, ladeada pelo Presidente Lula à direita; pelo Vice-Prefeito de Angra dos Reis, José Antônio Martins Santana, à esquerda; e pelo Prefeito Luiz Sérgio, na retaguarda.

Crédito: Acervo Pessoal



crianças, para que nos apedrejassem. Teve muito de dizer que “lugar de negro é na senzala”, que “lugar de mulher é na cama, na cozinha”. Todos esses conceitos e preconceitos enraizados em nossa sociedade, afloraram nesse período e, principalmente, pelas famílias tradicionais, com exceções. Sempre perguntavam: “cadê o prefeito?” E quando viam, era um “toco preto”, como eles diziam. Também falavam que eu só tomaria posse se não houvesse homem na cidade – foi necessário chamar o reforço policial.

Eu me lembro de um comício que ficou até histórico, na praça do mercado, acho que foi um dos últimos. Recorri à imagem de nossa senhora Aparecida: “Não vim aqui por querer; nós, negros, não estamos aqui por querer, fomos trazidos para cá afinal! Se lugar de negro é na senzala, aqui no Brasil a gente não pode dizer isso. Sei de uma negra que muitos brancos, na hora do aperto, apela para ela, nossa senhora Aparecida”, como forma de neutralizar aquelas violências, pelo fato da sua simbolização como uma santidade negra. A questão é ocupar espaços que tradicionalmente não são espaços destinados a nós, sejamos mulheres, negros, indígenas, crentes de determinada fé. Isso vai nos fazendo maiores e nos fortalecendo.

Os meninos de Araçuaí ganham o país

O fato de Araçuaí estar no centro do Vale do Jequitinhonha, no polígono da seca e ser a cidade de maior expressão, fez os olhares se voltarem para nós. Na época de uma das grandes secas, a gente necessitou de algumas cestas básicas. Uma das parcerias importantes que a gente teve aqui, num primeiro momento, foi com a Natura. Tínhamos o projeto *Ser Criança*, com o Tião Rocha como coordenador. Com o apoio da Natura, nós ensaiamos com os meninos umas músicas, e no Natal, fomos para São Paulo, na fábrica da empresa, para poder agradecer. O impacto foi tão grande que daí surgiu o coral “*Meninos de Araçuaí*”, que rodou o Brasil afora, e estão aí, há mais de 20 anos. Hoje totalmente independentes do poder público local, mas parceiros. A gente sempre acreditou nesses projetos, em que as pessoas se apropriam daquilo que lhes é oferecido, e depois se tornam protagonistas da sua própria história. Hoje o projeto já está na sétima geração e através de recursos do mesmo foi criado o cinema *Meninos de Araçuaí* e a *Cooperativa Dedo de Gente*, onde eles produzem muita coisa na área de mídia e artesanato.

Uma vez, terminada a gestão dos dois mandatos em Araçuaí, ajudamos na eleição do nosso vice para a sucessão. Eu me dediquei a projetos regionais e políticas do nível federal que aconteciam na região. Sempre me fiz presente como filiada e companheira em todas as disputas eleitorais da região durante esses mais de 30 anos no Partido dos Trabalhadores.

A experiência no Governo Federal

Eu fui convidada pela nossa primeira ex-Ministra da Igualdade Racial, Matilde Ribeiro, para compor os quadros da Seppir, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Foi uma experiência ímpar para mim poder contribuir, no nível nacional, com a conquista do respeito e do direito da nossa população afrobrasileira. Então foram momentos singulares, como, por exemplo, a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, que ficou mais de 10 anos paralisado no congresso, assim como, a questão do Estatuto do Índio, também sem avanço por mais de 20 anos. A questão emblemática das nossas trabalhadoras domésticas: a maioria da nossa população feminina está nessa categoria e não eram reconhecidas enquanto trabalhadoras sujeitas de direito e de fato. Foram lutas árduas, muito embora a gente saiba da resistência que ainda tem hoje, ao registro das nossas trabalhadoras. Mas também, a inserção delas na vida política do nosso Brasil, da participação nas associações, nos sindicatos; da sua integração às universidades, que naquele momento também estava se abrindo para os seus filhos. Mas principalmente pelo reconhecimento de sua dignidade como trabalhadoras que trabalharam a vida inteira ajudando na construção de muitas famílias, não tendo uma casa para morar, uma escola ou creche para os seus filhos. Não tendo os mesmos direitos trabalhistas que os demais trabalhadores; ou seja, não sendo reconhecidas enquanto profissionais.

Teve o momento da Lei Maria da Penha, como isso mexe com cada uma de nós! A gente sabe das histórias das nossas avós, das nossas bisas, das nossas mães e tias, sobrinhas, amigas, colegas e anônimas. E sabemos também o significado disso. Eu estava ali, frente a frente, com a Maria da Penha no dia em que o Lula sancionou a lei, quanta emoção e orgulho. Outro momento muito importante que eu registro, foi quando a gente trabalhou no projeto que reconhecia as nossas parteiras tradicionais, enquanto profissão; e da resistência inclusive de parte da academia nesse sentido! Impacta a gente saber que, por exemplo, aqui no Vale do Jequitinhonha, nós temos mulheres parteiras, que com o seu saber, trouxeram ao mundo milhares de vidas vivas. Como essa pessoa não pode ser considerada como sábia, como cidadã de direito e, que de fato contribui para a sociedade brasileira, ainda mais num país carente de cuidados médicos? Essas pessoas estão atuando e vem suprindo uma necessidade da população que é inclusive dever do Estado.

Estou me lembrando desses projetos, porque eles têm um significado muito grande no Brasil inteiro. Na hora que a gente chega nos nossos lugares, aí a preocupação é como tornar isso uma realidade nas nossas pequenas e médias cidades, que é a realidade da maioria dos municípios brasileiros. São projetos que foram importantes para mim no sentido de mexerem comigo enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto cidadã, enquanto agente pública. Porque a gente não separa essas coisas.

O grande desafio de ser mulher na política, é de continuar sendo você mesma, vivendo tudo isso, sem perder a sua essência. As influências externas positivas e negativas interferem no seu dia a dia. Mas de que forma que você pode continuar sendo mulher?

As cotas na política de ação afirmativa

Realmente foi o boom dentro das políticas públicas no que diz respeito às questões afirmativas. As cotas estão aí hoje para nos levar a refletir inclusive sobre o nosso passado recente no Brasil, em que existiam cotas; mas não eram direcionadas pra negros e excluídos, e sempre foram aceitas naturalmente. Que eram as cotas para os filhos de fazendeiros, inclusive nas universidades, nos principais postos, por serem considerados enquanto tal. E que a eles eram reservados alguns lugares, e ninguém nunca reclamou disso. E era de acordo com o número de cabeças de boi.

As cotas colocaram o nosso mundo acadêmico e profissional em xeque. A nossa academia, que sempre foi tida como espaço da excelência, começa a ser questionada. Porque se este lugar é de excelência e é universal, onde está a maioria dos brasileiros e brasileiras? A academia tem também o desafio constante que é contribuir com o seu pensamento, com a sua ciência, para gerar vida com qualidade para o povo. Então, será que o que é produzido pela academia, vai ter uma aplicabilidade de fato na construção de vida digna para as pessoas? Ou de tirar as pessoas de situações difíceis? Aí a gente muda a pergunta: A academia está preparada para isso? Quem são as pessoas que estão na academia? Então essa é uma discussão que tem que perpassar a questão da gestão pública.

Aqueles que sempre defenderam a supremacia branca, colocaram as cotas como uma coisa negativa, uma mancha no espaço mais nobre da academia. E começou a gerar discussões contrárias, controversas e confusas na cabeça das pessoas. É isso que vai para a sociedade. O importante é você ver que as cotas são um instrumento que está sendo colocado à disposição de pessoas da sociedade para se equiparar condições. E também para corrigir distorções. Seja na oferta de produtos, na oferta de benefícios, que sempre eram canalizados para um mesmo público. As cotas vêm para tentar inserir esse equilíbrio, inclusive no mundo do trabalho. Existe representatividade negra e social na escala de comando das grandes empresas e indústrias e até mesmo nas estatais? E no mundo político?

Agora, como isso não é politicamente conveniente, porque se mexe em privilégios, então foi camuflado e sempre colocado como uma oferta, que na verdade é uma conquista.

Entendo muito a nossa senadora Benedita da Silva, quando, anos atrás, foi uma das primeiras a sair em defesa das cotas. Ela sabia do que estava falando. Não é o ideal, mas neste momento do Brasil, das condições políticas que temos, nessas condições estruturantes, tem que ter uma saída para esta situação. Então as cotas são um instrumento necessário e temporário. E não estou

querendo dizer que vai acabar logo, não. Porque tem caminhadas que a gente caminha uma vida inteira até atingirmos o ideal. O ideal é aquilo que é justo.

É lei hoje no Brasil, a Lei 10.639/2003, a Lei 11.645/2008, as várias resoluções da ONU, nós temos aí a convenção 169 da OIT, que trata das questões das comunidades tradicionais. Por que é tão difícil para as pessoas entenderem que existe a jurisprudência sobre isso? Por que elas não podem acontecer de fato?

Quem é a velha política? A velha política são eles, que não querem deixar que o povo brasileiro assuma a sua história. E a história é dinâmica. Hoje é você, amanhã é outro de forma respeitosa. E os nossos jovens, a academia tem uma responsabilidade nisso, as escolas têm uma responsabilidade nisso também. Quando eu digo responsabilidade, é no sentido de que, desde de criança, assim como nas comunidades tradicionais, o conhecimento deve ser repassado dos mais antigos para os mais novos. De forma a mostrar aos nossos mais novos que eles não devem ter vergonha de serem o que são hoje, do seu passado, e que continuem defendendo bandeiras.

De volta para Araçuaí e para a política

Eu me aposentei em 2012, pelo INSS. Nesse período, eu estava em Brasília, e aí retornei de novo ao Vale. Eu não sou aposentada politicamente falando, porque para mim a política não é profissão, mas é uma prestação de serviços à população, uma missão. Então, mesmo tendo passado oito anos pela prefeitura de Araçuaí, me achei no direito de não fazer aquilo que se chama de “política antiga”, mas de ser e estar política, no sentido literal da palavra, de ser agente político. Não se aposentando pelo cargo.

Então vim parar aqui, onde estou até hoje, quando achei que iria voltar para cuidar só de mim e da minha família. Tem gente que fala assim, que até abusa: “Ah, porque você não é casada, você não tem filho, então você está por conta!”. Não, a gente não está por conta, a gente também tem o direito de estar e ser feliz. Quando a gente veio da universidade, veio com todo aquele gás que te fazia pensar no seguinte: “eu vou casar com a comunidade”. Então foi assim o meu casamento com a comunidade, ele durou mais do que eu pensei. Quando me dei conta, eu já tinha mais de 30 anos de vida no meio deste povo, que não é por acaso, nem para mim, nem com certeza, nem para as pessoas com as quais a gente está no dia a dia.

Religião e ancestralidade

Minha família é católica, principalmente a da época em que já morávamos na cidade; quando vivíamos na zona rural até que não muito. Mas, na minha família, nós temos hoje, uma parte que é evangélica (mais o pessoal que mora em São Paulo), uma parte espírita e a maior parte é católica.

A gente tem uma convivência muito tranquila nesse sentido, de inclusive se fortalecer uns com os outros nas respectivas religiões, quando necessário – é uma questão harmônica. A gente amava acompanhar a Folia de Reis!

Mas a gente também teve oportunidade de conhecer outros cultos, a minha madrinha era descendente de franceses, chamava-se Sophia, mãe da madrinha Minerva que era kardecista. Aí a gente foi tendo contato com outro lado da espiritualidade. E a minha relação com as religiões de matriz africana é algo natural. A minha família, por exemplo, tem um costume de Montes Claros que a gente lembra ainda muito, que se falava assim: “os caboclinhos, cadê os caboclinhos?”. Tem um bairro onde moram uns caboclinhos, é um grupo que desfila com vestimentas indígenas, ao som de violão, viola e rabeça.

A primeira loja em que trabalhei era a loja *Abre Gira*, uma loja que vendia artigos religiosos em Belo Horizonte, no comércio do povão mesmo, ali na rua Caetés, próximo à Praça da Estação. Depois por um tempo, eu estive secretária na Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais. A madrinha Minerva era secretária lá de forma voluntária. Quando ficou mais velha, ela me levava para ajudar no trabalho, e eu fazia as atas das reuniões. Porque naquela época havia um rigor muito grande com as religiões de matriz africana; hoje, apesar da chamada “democracia”, da abertura, a gente tem um preconceito, que às vezes se dá com mais intensidade e com muita violência. Então, tinha o rigor do próprio Estado. Por exemplo, era exigido das casas ou dos templos de Umbanda, que fizessem mensalmente relatório ou ata das atividades, e você tinha que mandar isso para a polícia. Então, eu ajudava, fiz várias atas nesse sentido, cada templo, cada terreiro tinha que ter o seu livro de atas e aquilo tinha que ter a abertura e a finalização passada pela polícia, na época, pela polícia Federal, se não me engano. Você tinha que ter autorização do delegado para funcionar, isto era uma condição.

Então, tem todo esse conhecimento que eu adquiri e essa ligação, que mais tarde, já nos anos de 2005 em diante, quando eu fiz parte da Seppir, Secretaria Especial de Políticas para Promoção da Igualdade Racial do governo Lula, enquanto Diretora para Comunidades Tradicionais. Depois enquanto Secretária-Adjunta e também Gerente do FIPIR – Fórum Intergovernamental de Políticas de Igualdade Racial – fui tomando mais conhecimento. Conheci várias dessas pessoas que faziam parte do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, e aí estavam todas as religiões de matriz africana e todas as comunidades tradicionais representadas, em especial os indígenas, ciganos, os quilombolas, árabes, judeus e diversas representações.

6. Feminismo negro e os enfrentamentos da mulher negra

Eu acredito, que o nosso dia a dia é marcado por esse confronto diário. Toda vez que você chegar diante de um espelho, você vai ver a sua imagem tal qual ela é. As vezes não vai conseguir retratar como está por dentro, não naquele dia e hora, mas dependendo do dia, consegue ver isso nitidamente. Ao se olhar no espelho, você tem que procurar verificar se a imagem que você vê no espelho é você realmente, é o que você gostaria de ver. É claro que hoje aos 66 anos, eu tenho uma tranquilidade para isso; eu não diria a mesma coisa se estivesse nos meus 15 anos, que é quando começa todo o embate, seja não só pela questão da negritude ou pelo fato de ser mulher, mas a cultura que já começa a agir sobre você.

Eu me lembro de uma vez, de 8 para 10 anos, no momento que você começa a modificar o corpo, eu estava brincando com meus irmãos no quarteirão de casa, e aí passa um menino maior e falou assim: “Você sabe que você tem uma joia? Quero essa joiinha para mim”. Depois, de outra vez a gente começou a perceber que eram as famosas cantadas, traduzidas na linguagem de hoje. Depois a gente lembra de outros momentos, quando eu já fazia o básico, uma vez até coloquei para minha mãe: “mãe, eu não quero mais que a senhora me peça para ir em tal lugar para conversar com tal pessoa”. Porque eu tive experiência negativa com esta pessoa na minha pré-adolescência. Quando uma criança ou uma adolescente sente medo, ele muitas vezes é capaz de várias ações e reações. Eu me lembro que a gente pegou um táxi, a gente ia na mesma direção, eu estava com umas sacolas na mão, tinha espaço no carro e a pessoa veio e não ficou no espaço que lhe cabia. E o motorista de táxi, vendo tudo e não fez nada. E quando a pessoa percebeu que eu queria descer do carro, ela me deu, como se fosse uma compensação, um pacote de uma fruta. Toda vez que eu como dessa fruta, faço essa associação e não tenho aquele tesão para essa fruta.

E isso continua acontecendo até hoje com todas nós mulheres, principalmente pelo fato de historicamente ser concebido que toda mulher negra tem obrigação de estar à disposição de quem quer que seja. Então, muitas vezes o olhar que se tem para conosco não é um olhar de companheiro, de companheira; a primeira impressão é essa, que nós somos objetos de cama e mesa. A gente pode observar isso, tanto com relação as pessoas que estão mais próximas a você, na vida partidária mesmo, ou distantes.

Também tem colegas nossos que às vezes se colocam em sua postura machista: “é o macho que está dizendo, é o superior que está dizendo”. Isso a gente tem no cotidiano da gente. É por isso que a gente abraçou essa causa do combate à violência às mulheres, às crianças, aos mais vulneráveis, porque são situações que envolvem pessoas indefesas, que estão no nosso dia a dia.

No caso de nós, mulheres negras, em especial, que vivem a questão da violência doméstica, a gente sabe de casos terríveis. Essa mulher nem sempre vai denunciar, por vários motivos, seja pela questão do acesso, pela questão de onde vive, pela questão financeira e pelo fato do companheiro também ser negro na maioria das vezes e portanto estará mais exposto à violência também. Muitas vezes parece ser muito simples para nós, mas para quem vive essa situação não é. Ela sai daqui, e em meio metro já está encontrando com as pessoas ou com a pessoa que a violentou. Na cidade grande, com os instrumentos que existem como delegacia de mulheres, casa Benvinda em Belo Horizonte, a gente tem mais oportunidades, inclusive de preservar as pessoas, oferecer uma garantia de sair da sua casa, com a sua criança e seus mais velhos. Mas, na cidade pequena, ela vai para onde? Pois lá todo mundo conhece, todo mundo sabe o nome, sobrenome e endereço.

E na pandemia, aumentou? Aumentou em termos de números estatísticos, mas na verdade, não é que só aumentou, é que se evidenciou, estatisticamente falando. Outra questão é a da violência contra o homem negro, ela é pública e notória.

Eu me lembro também de uma amiga, viramos amigas por uma circunstância da vida, nos anos 1980. Fomos para um encontro de mulheres cristãs na política, que foi em Guayaquil, no Equador. Eu me lembro que ela fez uma fala sobre a situação da mulher negra no Maranhão: “Eu conheço mulheres negras que hoje tem medo de engravidar e não querem engravidar, para não sofrerem, para não verem seus filhos sofrerem, porque ela vê outras sofrendo ou que já tenham passado por isso”.

E também tem a questão da nossa aculturação, que sempre foi tida como uma política para destruir a nossa identidade, no sentido de dizer que o negro é feio. Eu olho no espelho e não vejo isso em mim, nem em várias pessoas da minha família, e colegas. Mas aí tem o padrão global de beleza, dessa beleza dada pelo fenótipo. Então realmente as pessoas que são desprovidas dessa beleza, tira dela o direito à dignidade de ser feliz, de viver com dignidade entre as pessoas?

Então, eu creio que uma coisa que a gente tem que trabalhar muito para não perder o senso de que a diversidade existe, e que tem o seu propósito. E qual é a sua relação ou a sua responsabilidade nisso tudo? Todas essas questões, como a do feminicídio, da prostituição, da gravidez precoce, quando a gente começa a olhar, se não por foco nas coisas, você morre doido. Então eu acho que esses assuntos não podem estar fora das discussões diárias. Nós não podemos negá-los.

A força da mulher negra

A força da mulher vem dessa faculdade que a mulher tem de perceber o mundo de uma forma muito própria. E de se refazer, vem aí o exemplo da fênix. Assim como uma fênix, por mais atribulações e tribulações, nas quais ela vem a ser submetida, ela sempre vai se refazer. Esse olhar que a gente tem para frente, com base no que os nossos antepassados viveram.

Você tem uma origem. Você sabe da sua origem. E há estudiosos que dizem que, é claro, que não é você que escolhe de onde vir, onde estar, há toda uma concertação. Na nossa composição, nós somos místicos também. Então eu acho que a gente tira força disso. E nada melhor do que o aprendizado nu e cru para você se posicionar. Ou seja, esses tapas que você leva, essas bofetadas, essa energia negativa que tentam te colocar. Com isso tudo você aprende e apreende. E aí cabe a você procurar esse discernimento, por conta própria.

7. Como gostaria de ser lembrada

Gostaria de ser lembrada como uma pessoa que sabe que, pela profissão que escolheu, pela condição de vida que tem, seja vida familiar, seja vida social, pelas oportunidades que teve, pelas que não teve e que pode escolher o que fazer, o que continuar. A pessoa que a cada dia percebe, já dizia o filósofo, o grande Sócrates, que pouco sabe. Eu sou uma dessas pessoas que sei que ainda tenho muito que aprender. E que enquanto tiver ânimo, vou ter essa disposição de aprender mais. E se me deixarem, eu quero continuar contribuindo.

Eu não quero jamais impor nada a ninguém, porque a vida não é feita de imposição. A gente sabe a história de tudo aquilo que foi imposto. E dos resultados dessa imposição.



Maria avaliando e discutindo com operário da prefeitura planta de obra no município. Araçuaí, 1998.

Crédito: Acervo Pessoal

9

CLEIDE BARCELOS

Cleide Barcelos
Sérgio Luiz Felix da Silva
Rosânia Sousa

1. Infância e Adolescência: criação

Eu sou Cleide, tenente coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Tenho três irmãos, sendo duas mulheres e um homem. Sou a mais velha. O meu pai é sargento da Polícia Militar de Minas Gerais e está na reserva há mais de dez anos. Minha mãe se formou em magistério para trabalhar como professora. Ela exerceu a atividade durante algum tempo, mas tão logo se casou com meu pai e parou de trabalhar, passou a se dedicar às tarefas da casa.

A profissão de professor é um sacerdócio. Hoje, eu dou aulas e percebo que muito da gente fica nas pessoas com quem a gente tem contato, principalmente com aquelas que querem realmente aprender. Ao longo da minha trajetória, tive inúmeros professores que realmente deixaram uma marca muito grande na minha vida, pessoas que eram dedicadas, compromissadas, que procuravam ensinar para gente da melhor maneira possível, não só as matérias pelas quais eles eram responsáveis como sobre outros aspectos da vida.